

A ZOOMORFIZAÇÃO EM ANTÔNIO CHIMANGO *

DENISE AZEVEDO DUARTE GUIMARÃES **

O presente trabalho objetiva levantar, dentro do livro-poema **Antônio Chimango**¹, de Amaro Juvenal, os indícios formais reveladores de um processo de zoomorfização do personagem central do texto, relacionando-os com o conteúdo temático.

Embora inúmeros outros aspectos, paralelos ou derivados ocorram ao leitor atento, nosso interesse centra-se nos elementos relacionados única e exclusivamente com a caracterização de Chimango, em seu processo de degradação.

Ao nível da linguagem, interessam ao trabalho os seguintes procedimentos formais:

1. Utilização dos epítetos:
 - 1.1. grau
 - 1.1.1. normal
 - 1.1.2. diminutivo
 - 1.1.3. aumentativo
 - 1.2. carga semântica
 - 1.2.1. neutra
 - 1.2.2. pejorativa
 - 1.2.3. irônica
 - 1.2.4. afetiva

* Denise Azevedo Duarte Guimarães é Auxiliar de Ensino de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná. Desde 1973 vem publicando artigos na imprensa local, sobretudo na coluna *Portugaliae* do Centro de Estudos Portugueses.

** Este trabalho foi elaborado para a disciplina "Manifestações Literárias na Região Sul: Literatura Gauchesca", do Curso de Especialização em Literatura Brasileira; tendo obtido o conceito excelente, da professora da disciplina, Cecília Teixeira de Oliveira Zokner.

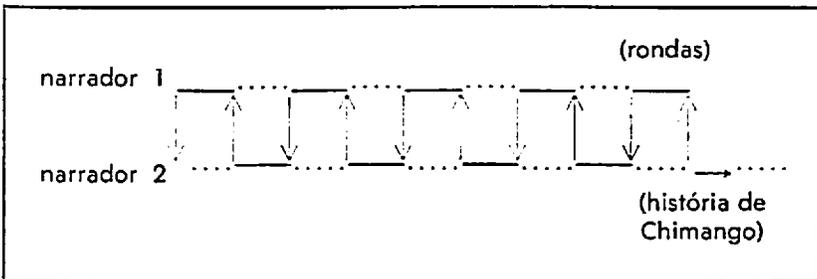
1 JUVENAL, Amaro Antônio Chimango; Poemeto Campestre. 1. ed. Porto Alegre, Globo, 1961.

2. Linguagem figurada:
 - 2.1. Imagens da zoomorfização
 - 2.2. Eufemismos
 - 2.3. Comparações
 - 2.3.1. com seres sobrenaturais
 - 2.3.2. com seres humanos
 - 2.3.3. com animais
 - 2.3.3. com vegetais
 - 2.3.4. com objetos

Inicialmente, fazem-se necessárias algumas observações genéricas sobre a obra. Trata-se de um "poemeto campestre", conforme o sub-título. O autor é Amaro Juvenal, pseudônimo de Ramiro Fortes de Barcelos.

São dois poemas num só: a parte das rondas, que retrata fielmente a vida dos tropeiros; e, a sátira propriamente dita a história de um "tal Antônio Chimango".² Temos, portanto, dois narradores: o narrador 1, que narra as rondas — parte descritiva; e o narrador 2, cujo discurso corresponde ao do Tio Lautério, um simples tropeiro que narra a vida de Chimango, entre as rondas. A estrutura do poema poderia ser assim esquematizada:

Fig. 1



Nosso trabalho versará sobre o discurso do narrador 2, ou seja, sobre a história de Chimango.

O narrador 2 representa a voz do povo, do trabalhador anônimo, donde decorre uma linguagem vinculada ao ambiente, e, como ele, rústica e primitiva. A história de Chimango está repleta de alusões políticas. Os versos glosam um período da História riograndense, constituindo-se numa espécie de caricatura da vida política dos anos decorridos entre 1910 e 1920, naquele estado. Vale dizer que

2 JUVENAL... p. 57.

a obra se filia à tradição da poesia de cunho panfletário. A linguagem é metafórica, pois o personagem central personifica o político da época, com todos os seus defeitos.

É interessante observar que o final da história fica em aberto, o autor deixa a "vitória" de contar o restante das infelicidades da Estância (= Rio Grande do Sul) a outro contador de histórias:

"Que um outro tenha a vitória
De cantar nalgum fandango
O mais que fez o Chimango
Pra levar São Pedro à Glória".³
Metaforicamente, temos:

Capataz incompetente: Estância:: Governador incapaz: Estado.
Esta homologia explica a abertura final, tendo sido o poema escrito naquele momento histórico, durante o governo do político criticado.

Caracterizado negativamente, o capataz sofre um sistemático processo de zoomorfização, que, a partir do título, torna-se evidente:

CHIMANGO = ave de rapina, menor que o caracará.
Etmologicamente:

Do Aimirá — TCHI = COMER
MANCO = BICHINHO

Esta denominação era dada aos partidários políticos do Dr. Antônio Borges de Medeiros (o político em questão).

A capa da 1.ª edição traz uma ave de rapina vestida como um gaúcho, o que vem confirmar a intenção de reduzir o homem a um animal.

Logo no início da história, observamos um eufemismo que instaura o clima de ironia e desprezo em relação a Chimango. Trata-se de uma indagação irônica que inferioriza o personagem, logo após seu nascimento, colocando-o como um ser duvidosamente humano "será gente ou passarinho?"⁵;

A alusão política aparece quase em seguida, quando, através de uma alegoria de caráter eufêmico, o autor coloca o problema da atração do eleitorado:

3 JUVENAL....., p. 111.

4 Ibid., p. 18.

5 Ibid., p. 58.

"C'um naco de marmelada,
Que tirou de uma caixeta,
Arranjou-lhe uma chupeta
Que l'entrouchou pela boca;
E, escondidinho na touca,
chupou, fazendo careta.

17

Co'aquele doce nos queixos
Acudiu logo o mosquedo:
Foi aprendendo bem cedo
Que, quem tem doce prá dar,
Fica logo popular,
Todo o mundo aponta o dedo"⁶.

A partir do nascimento, podemos estabelecer 5 momentos da vida de Chimango, que estruturam o poema (narrador 2):

1.º Nascimento — Infância:

Caracterização negativa — feio, magro, um animalzinho, fraco, manhoso, doente, etc.

2.º Futuro prospectivo:

Caracterização negativa: a predição da cigana, colocando-o no futuro como — preguiçoso e usurpador: como o virabosta, venenoso como cobra, traçoeiro como guaraxaim, matreiro como novilho desgarrado, parasita como erva-de-passarinho. (notar a insistência nos símiles animalizantes).

3.º Adolescência:

Caracterização negativa — inábil, sempre adoentado, o padrinho acolhe-o por compaixão, cabeça ruim na escola, etc.

4.º Período de transição:

Caracterização negativa — "ofícios" insignificantes na Estância; preparando o futuro (importante a comparação com o caruncho, abrindo aos poucos o "furo na afeição do padrinho")⁷.

5.º Maturidade — Poder:

Caracterização negativa: — capataz inábil, dono da Estância absolutamente incompetente.

⁶ JUVENAL..., p. 61.

⁷ Ibid., p. 81.

O 4.º e o 5.º momentos correspondem às predições da cigana, constituindo-se num desenvolvimento do 2.º momento. Uma caracterização insistentemente negativa, como ficou demonstrado, inferioriza de tal forma o personagem, que o coloca em um nível sub-humano.

A utilização dos epítetos acentua este aspecto:

Fig. 2

EPÍJETOS				
grau	normal	diminutivo	augmentativo	total
carga semântica				
Pejorativa	23	4	1	28
Irônica		5		5
Afetiva (pena)		5		5
Neutra	7			7
Total	30	14	1	45

A observação do gráfico leva-nos a constatar um processo de aviltamento do ser humano. Pela concentração de qualidades negativas, o ser torna-se menos gente, aproximando-se do nível inferior da escala homem-animal.

Outro aspecto importante é o grande número de epítetos no diminutivo, significando a redução das qualidades humanas:

caladinho, encarangadinho, escondidinho, roxinho, coitadinho, choquinho, fanadinho, magriço, flaquito, mansinho, espertinho, brabinho, espertinho, mansinho.

Observe-se que todos estão praticamente dentro do mesmo campo semântico, compondo o processo de degradação da pessoa de Chimango. O sentido pejorativo alia-se ao afetivo, que é utilizado objetivando causar pena. O ser humano digno de pena é logicamente inferior. Da compaixão à ironia há liames sutis. Transformar um

defeito, que de ordinário inspira compaixão, em ridículo, que requer insensibilidade, é um dos artifícios da comédia⁸.

Uma deficiência física ou de caráter aciona a mola do ridículo. Consciente de tal mecanismo, o autor insiste no aspecto da compaixão que implica em ridículo, utilizando-se dos epítetos diminutivos irônicos de forma significativa. Dos cinco epítetos irônicos, dois são repetidos: "espertinho" e "mansinho". A reiteração reforça a conotação satírica. O epíteto "brabinho" é utilizado num contexto onde serve para reforçar a fragilidade do personagem. Temos portanto uma oposição semântica entre "mansinho"/ "espertinho e brabinho", que conduz ao paradigma da dissimulação.

É interessante observar a tendência que a mensagem irônica tem de se tornar mais clara a partir da oposição dos elementos. O jogo entre o elemento acentuado e o não acentuado é uma maneira de fazer o bem aparecer pela presença do mal. A dialética Bem/Mal revela que a história não é escrita senão para se chegar a uma moral, denunciando um procedimento amoral. A crítica contundente é praticada através do desvio da linearidade do significado. Através da expressão irônica o autor faz falar aquilo que está em silêncio.

Na primeira estrofe, comparando Chimango a um lobisomem e ao demônio, o autor coloca o personagem na esfera do Mal. Vem confirmar esta colocação um estranhamento significativo: o pio da coruja que anuncia o nascimento de Chimango, quando, tradicionalmente é sinal de mau agouro. Invertendo uma "verdade" coletiva o autor introduz uma ruptura no sistema lógico do esperado, o que vem acentuar o caráter negativo de tal nascimento.

Em relação à dialética Bem/Mal, temos a seguinte colocação:

Fig. 3

EPÍTETOS			
BEM		MAL	
neutros	7	pejorativos	28
afetivos	5	irônicos	5
total	12	33	45

⁸ BERGSON, Henri. *Le Rire. Essai sur la Signification du Comique*. Paris, PUF, 1950. p. 34.

Considerando-se que os epítetos afetivos são utilizados com o objetivo de causar compaixão, isto é, inferiorizar o personagem, teremos uma nova visão do texto:

Fig. 4

EPÍTETOS			
BEM		MAL	
neutros	7	pejorativos	28
.....		irônicos	5
.....		afetivos (pena)	5
total	7	38	45

A grande predominância dos sintagmas do Mal revela uma insistência na caracterização negativa: o autor, distanciando o personagem do humano, aproxima-o do animal.

O sistema imagístico do texto apresenta uma absoluta predominância das imagens de zoomorfização, na seguinte escala:

CONOTAÇÃO DE ANIMAL INÚTIL — 7 imagens.

CONOTAÇÃO DE ANIMAL NOCIVO — 4 imagens.

Alguns exemplos demonstrarão o efeito de tais imagens na caracterização de Chimango:

"Mas, eu procuro um mansinho
Que não levante o focinho
Quando eu for meter-le o freio"⁹.

"Ninguém se fie, portanto,
Neste tambeiro mansinho;"¹⁰

"Sabia que aquele frango
Esporas mesmo não tinha
não aguentava uma rinha
Nem sustentava um fandango."¹¹

9 JUVENAL... p. 87.

10 Ibid. p. 62.

11 Ibid. p. 105.

Não há, entre as imagens, conotação positiva. As analogias, implicitamente relacionadas a animais malignos, constituem uma dupla caracterização negativa; como por exemplo "tambeiro mansinho" que é o símbolo da dissimulação.

Neste sentido, o estudo da tipologia do símile no poema vem confirmar nossa colocação. Trazendo em si uma carga altamente emocional, o uso do símile passa a ter, no contexto, um matiz superlativo por excelência. Considerando-se que o símile parte do desejo de caracterizar mais o objeto (vale dizer um impulso afetivo intensificador) vemos que a imagem do homem é envolvida pelo animal. O termo comparante como que engloba o comparado, num total significativo.

Torna-se evidente, como podemos observar pelo esquema o uso do símile de um tipo que visa predominantemente intensificar uma determinada idéia:

Fig. 5

COMPARAÇÕES		
	BEM	MAL
com seres sobrenaturais		2
com seres humanos		1
com seres animais	2	15
com vegetais		3
com objetos/coisas		3
total	2	24

as comparações com seres sobrenaturais são:

"como o demônio"

"como o lobisomem"

Dos seres humanos, o borlantium ("sutil como um borlantium") é o referente negativo de Chimango.

Entre as comparações com animais, as únicas no paradigma do Bem são: "seu jeitinho de mico" e "como peru"; estando todas as demais no paradigma do Mal.

O símile animalizante prepara o caminho para o nível da vegetalização, cujos exemplos, poucos, são muito expressivos. Há inclu-

sive uma imagem da erva-de-passarinho, vegetal nocivo e perigoso, pois mata a planta de que se nutre.

O nível mais baixo da escala é o objeto ou coisa, podendo-se falar na reificação de Chimango a partir de três exemplos significativos:

"Era figura de palha
Para espantar passarinho".¹²

"Armação de pau de pinho
Que nem server pra cangalha".¹³

"Tornando-se um pente fino".¹⁴

Temos, portanto, configurado todo um processo de desumanização que passa por vários níveis gradativos. Este se interpenetram e se alternam, podendo-se considerar como climax do processo a zoomorfização. Estratifica-se a animalização a partir da carga semântica do título: estatui-se o personagem Antônio Chimango, a partir de suas características infra-humanas.

À carga semântica do nome Chimango, aliam-se os efeitos do símile animalizante (maioria absoluta), agindo na coordenada sensorial — como imagem criada; e na coordenada intelectual! — como assimilação de conceitos. Temos pois, um contexto onde o problema central é o desintegrar-se de um ser humano e sua integração no gênero animal.

Pelo uso dos epítetos, verificamos um distanciamento do humano; através da utilização do símile, constatamos a aproximação e/ou identificação com o animal.

O uso do símile esta vinculado ao padrão coletivo da linguagem, por ser este um meio indireto de caracterização. As comparações onde o personagem é metafóricamente paralelizado com o meio ambiente, constituem uma característica da linguagem coloquial do meio rural. Tais imagens refletem o universo limitado do povo inculto, em termos linguísticos. São imagens e comparações tradicionais na literatura de cordel.

O importante a observar, com respeito ao texto, é a utilização consciente de tais elementos por parte do autor. Estes, como re-

12 JUVENAL... p. 94.

13 Ibid. p. 94.

14 Ibid. p. 94.

curso estilístico, fazem com que a imagem se transforme num estímulo condicionador na memória do leitor. Extraindo os referentes básicos do mundo animal, o autor chama a atenção sobre o físico do personagem, quando o moral é que está em questão. Desse modo o efeito é cômico, como: "É cômico o corpo sobrepor-se à alma, a forma ao fundo, a letra ludibriar o espírito. Rimo-nos todas as vezes que uma pessoa nos dá a impressão de uma coisa"¹⁵. Considerando-se cômica ou caricatural a caracterização de Chimango, vemos que o poema coaduna-se com a finalidade utilitária do cômico: a correção, a sanção social pelo riso.

A obra, metaforicamente uma crítica aos "politiqueiros" da época, alcança seu objetivo pragmático através do cômico. Visando atingir o maior número possível de pessoas ao mesmo tempo, o autor zoomorizou um ser humano, criando um tipo; procedimento que o conduziu instintivamente ao geral, ao universal e não ao indivíduo apenas.

Reside aí uma explicação para a permanência da obra, que conseguiu tornar-se algo mais que uma caricatura restrita no tempo e no espaço, afirmando-se como criação literária.

RESUMO

No livro-poema *Antônio Chimango*, de Amaro Juvenal, existe um sistemático processo de zoomorfização do personagem central; o que o presente trabalho visa comprovar, através do levantamento dos indícios formais reveladores de tal processo, relacionando-os com o conteúdo temático.

Estudando-se a utilização dos epítetos-quanto ao grau e à carga semântica; e a linguagem figurada — com ênfase nas imagens da zoomorfização, eufemismos e utilização do símile; verifica-se uma nítida caracterização negativa de Chimango. O uso dos epítetos distancia o personagem do nível humano; à linguagem figurada, aproxima-o do animal.

A insistente comparação com animais nocivos e/ou inúteis, enfatiza um processo de animalização. Gradativamente, a degenerescência de Chimango passa do nível animal para o vegetal, até atingir a reificação, ou seja, o nível mais baixo da escala. Configura-se todo um processo de desumanização, cujo clímax é a zoomorfização. À carga semântica do nome Chimango (= pequena ave de rapina) aliam-se os efeitos dos epítetos e, principalmente, do símile animalizante; agindo na coordenada sensorial — como imagem criada; e na coordenada intelectual — como assimilação de conceitos. O problema central do texto é o desintegrar-se de um ser humano e sua integração no gênero animal.

O poema filia-se à tradição da poesia de cunho panfletário, constituindo-se numa sátira política.

¹⁵ VERSIANI, Marçal. O significado do cômico e do riso da obra de Bergson. *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis 68(1): jan./fev. 1974 p. 19.

Considerando-se cômica ou caricatural a caracterização de Antônio Chimango, vemos que o poema coaduna-se com a finalidade pragmática do cômico: a sanção social pelo riso.

Visando atingir o maior número possível de pessoas, ao mesmo tempo, o autor zoomorizou um ser humano (um político da época) criando um tipo; procedimento que o conduziu ao geral, ao universal e não ao indivíduo apenas. Reside aí uma explicação para a permanência da obra, que conseguiu tornar-se algo mais que uma caricatura restrita no tempo e no espaço, afirmando-se como criação literária.

RÉSUMÉ

Dans son livre-poème *Antonio Chimango*, l'auteur Amaro Juvenal, nous met en rapport avec un processus de zoomorphisation du personnage central. Le présent travail en veut être une preuve par le moyen d'une statistique des indications formalistes révélatrices d'un tel processus, en accord avec le contenu thématique.

En étudiant — d'une part, l'utilisation des épithètes, en ce qui concerne leur degré et leur valeur sémantique; d'autre part, le langage figuré — surtout les images de la zoomorphisation, les euphémismes et l'utilisation du simili — on s'aperçoit d'une caractéristique négative évidente du Chimango. L'emploi des épithètes, éloigne de personnage du niveau humain; le langage figuré l'approche de l'animal.

L'insistante comparaison avec des animaux nuisibles et/ou inutiles met l'accent sur le processus de l'animalisation. Petit à petit, la dégénérescence de Chimango passe du niveau animal à celui du végétal, jusqu'à ce qu'il atteigne le niveau des objets, c'est-à-dire, le niveau le plus bas de l'échelle. On assiste à un processus complet: l'inhumanisation, qui atteint son comble dans la zoomorphisation.

À la valeur sémantique du nom Chimango, c'est-à-dire petit rapace, se joignent des effets des épithètes surtout du simili animalisant, qui agissent sur la coordonnée sensorielle — comme image créée; et sur la coordonnée intellectuelle comme assimilation de concepts. Le problème central du texte est la désintégration d'un être humain et son intégration dans le genre animal.

Le poème appartient à la tradition de la poésie du genre pamphlétaire, tout en constituant une satire politique.

Qu'on la considère comique ou caricaturale cette caractérisation d'Antônio Chimango, on voit que le poème est d'accord avec la finalité pragmatique du comique: la sanction sociale par le rire.

Ayant pour but d'atteindre le plus grand nombre de personnes, l'auteur a transformé un être humain en un animal (un homme politique de l'époque) en créant un type. Ce procédé l'a conduit au général, à l'universel et non seulement à l'individuel. On trouve ici une explication pour la permanence de l'oeuvre, que a réussi à devenir quelque chose de plus qu'une caricature enfermés dans le temps et dans l'espace, en s'affirmant comme oeuvre littéraire.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLY, Charles. *Traité de Stylistique Française* 3 ed. Paris, Klincksieck, 1951.
- BERGSON, Henri. *Le Rire. Essai sur la Signification du Comique*. Paris, PUF, 1950.
- COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo, Cultrix, 1974.
- JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango; poemeto campestre*. 3 ed. Porto Alegre, Globo, 1951.
- Poétique*. Paris, Seuil (4) 1970.
- SANT'ANA, Affonso Romano de. *Exercício de Análise Estrutural: Vidas Secas. Cadernos da PUC*. Rio de Janeiro, (6): 77-98, julho de 1971.
- Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, Vozes, 68 (1) jan/fev. 1974.